

Ainda a “unidade e diversidade da língua portuguesa”: a sintaxe

Ernestina Carrilho
Universidade de Lisboa

“A investigação da diversidade nos vários domínios linguísticos é factor indispensável na consolidação da unidade da língua.”
(Mateus 1986: 145)

1. Unidade e variação em sintaxe

A investigação da diversidade tem-se revelado indispensável na consolidação da unidade não só da língua como, num plano mais universalista, da própria linguagem. No domínio da sintaxe, em particular no âmbito da Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky 1981, e desenvolvimentos posteriores, incluindo o modelo minimalista actual, em Chomsky 2001), o estudo de diferentes línguas naturais numa perspectiva comparativa foi (e continua a ser) fundamental para a integração da diversidade na própria conceptualização da Gramática Universal (GU), entendida como a faculdade humana de linguagem. A comparação de construções afins mas (minimamente) variantes, tomadas de línguas naturais diferentes, mas próximas nas suas gramáticas (como o Francês e o Italiano ou o Francês e o Inglês), tem estado significativamente na base da construção de um modelo de GU que assenta não só na universalidade dos princípios da faculdade de linguagem como também na variação permitida por alguns desses princípios (os parâmetros correlacionáveis com os limites estritos da variação possível nas línguas naturais). Neste sentido, a própria variação interna a cada língua natural tem vindo a ser progressivamente integrada no domínio empírico que fundamenta a teoria sintáctica, propiciando condições quase ideais de redução do variável. A par da evidência fornecida pela aquisição ou pelos diferentes estádios históricos de uma dada língua, os dados dialectais¹, que uma teoria da GU não pode ignorar, constituem um domínio privilegiado para se averiguar de que modo e em que aspectos as línguas naturais diferem entre si, permitindo concomitantemente determinar em que áreas não se encontra variação.

A investigação da diversidade sincrónica da língua portuguesa no domínio da sintaxe tem privilegiado o confronto de variantes nacionais (sobretudo, Português europeu e Português do Brasil ou Português europeu e Português de Moçambique). Certamente, a variação interna ao próprio Português europeu (PE, daqui em diante) oferece também matéria para reflexão sobre unidade e diversidade na sintaxe da língua portuguesa e, num âmbito mais amplo, para reavaliação, de modo altamente controlado, de algumas questões centrais na teoria da GU.

O acesso a dados relevantes para este tipo de investigação está, no entanto, sujeito a consideráveis restrições, já que, tradicionalmente, a sintaxe ocupa um lugar muito marginal nos trabalhos dialectológicos ou de sociolinguística, normalmente responsáveis pela colecção sistemática de grandes quantidades de dados de variedades não-padrão. As informações disponíveis sobre aspectos da sintaxe do PE dialectal são normalmente escassas² e encontram-se, em grande parte, dispersas em muitos dos trabalhos monográficos que, durante algum tempo, constituíram dissertações de licenciatura apresentadas em Faculdades de Letras portuguesas³. Assim, é natural que um trabalho como o de Casteleiro 1975, sobre particularidades sintácticas do PE falado no interior, surja intimamente associado à constituição de um *corpus* de língua falada – no caso, algumas das entrevistas realizadas para o Português Fundamental (cfr. Nascimento et al. 1987).

A recente constituição do CORDIAL-SIN⁴, um *corpus* de excertos de fala espontânea recolhida em inquéritos dialectais⁵, veio incentivar precisamente a integração de dados ainda inexplorados na discussão sintáctica, permitindo a identificação de novas áreas de variação em PE (cfr. Carrilho 2000, Costa et al. 2000, Lobo 2000, Martins 2000). É de salientar a importância que tiveram, para a concepção deste projecto, as opções metodológicas seguidas nas recolhas dialectais do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa: o facto de, durante os inquéritos, se ter fomentado a expressão espontânea dos informantes, em explicações detalhadas ou em histórias pessoais ou locais, à margem das respostas directas a perguntas de questionários essencialmente lexicais, e o facto de os inquéritos terem sido gravados na íntegra garantem hoje a utilidade destes materiais linguísticos muito para além dos seus objectivos primeiros.

Com base em dados do CORDIAL-SIN, será aqui apresentado e discutido um aspecto da variação existente no domínio da sintaxe do PE, sob a perspectiva de que a compreensão da diversidade é essencial para se poder abstrair a unidade da língua.

2. Uma questão de concordância

A concordância entre o sujeito e o verbo numa frase finita é uma relação fundamental em línguas que, como o PE, apresentam uma morfologia verbal “rica”. As marcas morfológicas desta relação são normalmente visíveis, como nos exemplos em (1), nos quais os constituintes sublinhados manifestam propriedades de sujeito frásico, controlando a concordância verbal, de 3ª pessoa do plural:

- (1) a. Chegaram os convidados.
- b. Os convites já foram enviados.
- c. Existem muitos enigmas.
- d. Os detectives resolveram o enigma.

A concordância sujeito-verbo constitui, no entanto, um domínio em que o PE exibe alguma variação, sendo relativamente frequentes os casos em que o verbo não concorda em número com o constituinte considerado sujeito (cfr. Peres e Móia 1995: 451-508). Se excluirmos os casos de concordância lógica e as construções com sujeitos complexos ou coordenados (que podem envolver concordância parcial, cfr. Colaço 1999), a “discordância” verbal surge, em variedades não-padrão, em contextos em que esse constituinte se encontra em posição pós-verbal.

- (2) (exemplos de Peres e Móia 1995: 453 (C443)-(C446))
 - a. «Nem ao professor Salazar [...] passaria pela cabeça semelhantes prepotências.» (*O Independente*)
 - b. «Desta vez coube-nos em sorte três novelas[...]» (*O Jornal Ilustrado*)
 - c. «Veio-nos à memória as declarações prestadas[...]» (*O Independente*)
 - d. «[...] depois de ter passado séculos [...]» (*Diário de Notícias*)
- (3) Depois de ter surgido já os primeiros casos de BSE, [...] (Telejornal RTP1, 29.11.2000)

Os dados do PE dialectal registados em monografias oferecem vários exemplos do mesmo tipo:

- (4) tava lá já as criadas (Azóia, Marques 1968: 61)
- (5) já bai os pães feitos (Quadrazais, Braga 1971: 172)
- (6) É um terreno que se caia em volta pra que nã entre lá gados... (Odeleite, Segura da Cruz 1969: 154)
- (7) ... punhom-se pela cabeça, condo morria pessoas de família chigada... (*ibid.*)
- (8) ... às vezes fic'ái poças fêtas por a água (*ibid.*)

A extensão da análise deste tipo de “discordância” aos dados do CORDIAL-SIN⁶ permite fazer as seguintes observações em relação a este fenómeno:

- i. a variação aqui descrita não atenua a unidade da língua relativamente à relação gramatical de concordância entre sujeito e verbo, uma vez que os argumentos não concordantes podem ser adequadamente descritos como não-sujeitos;
- ii. as variantes definidas pela existência ou não de concordância do verbo com um argumento em posição pós-verbal reflectem a variação que a GU admite em relação às construções impessoais;
- iii. a variação existente em PE a este nível pode ser explicada em termos das propriedades que caracterizam os expletivos das línguas naturais.

3. Uma questão de “sujeitos”

Os dados do CORDIAL-SIN confirmam a generalização que os exemplos de (2) a (8) já indiciam: a aparente ausência de concordância entre o verbo e um sujeito pós-verbal ocorre apenas em construções com predicados verbais que não seleccionam um argumento externo referencial – ou seja, em contextos em que o constituinte pós-verbal que normalmente (leia-se: nas variantes-padrão destas construções) controla a concordância do verbo pode ter propriedades de não-sujeito. Os exemplos em (9) e (10) representam dois casos típicos: construções com verbos inacusativos⁷ e construções predicativas⁸.

- (9) a. Há, porque uma pessoa às vezes vai à sardinha, (...) vai à sardinha com as peças, com aquelas redes, ainda vem algumas. (VPA53)⁹
b. Veio aqui (...) umas máquinas por conta do governo (PST07)
c. Mas depois vai as toucas atrás. (PAL33)
d. Há aqui um regato, conforme vai estes ribeirozitos, (PFT42)
e. Nunca mais apareceu esses cardumes aqui (...) desse peixe. (VPA53)
f. E, (à vez) (às vezes), já tem aparecido homens assim a falar. (PAL16)
g. Aqui há anos, nascia aqueles pezinhos de erva aí nos buracos, nas correntes de água, entre meio das silvas, às vezes por baixo de uma figueira. (PAL01)
h. (Aquilo é) (Aqui numa) planície grande. Já lá tem pousado até aviões de emergência. (PFT35)
- (10) a. Aqui nunca ficou barcos desses no fundo. (VPA28)
b. Fica uns dum lado e depois não se entende. (AAL20)

3.1 Concordância em construções inacusativas

Como é sabido, o sujeito sintáctico de um verbo inacusativo, pelo seu estatuto de objecto lógico, exhibe um comportamento híbrido de sujeito e de complemento (cfr. Perlmutter 1978, Burzio 1981, Eliseu 1984, entre outros). As suas propriedades de sujeito derivam da impossibilidade de os verbos inacusativos legitimarem um complemento – a conhecida “Generalização de Burzio” capta precisamente estes efeitos, relacionando a incapacidade de atribuição de Caso acusativo com a incapacidade de selecção semântica de um argumento externo (Burzio 1986). Assim, as propriedades de sujeito que podem ser exibidas pelos argumentos internos de verbos inacusativos (nomeadamente, Caso nominativo e controlo da concordância verbal) têm sido explicadas pela necessidade que estes argumentos manifestam de se relacionarem com uma posição canónica de sujeito, nestes casos não-argumental, quer por movimento explícito (cfr. (11)) quer por algum mecanismo de “associação” a um sujeito expletivo, assinalado em (12) pelos índices elevados (um mecanismo que pode ser assimilado à formação de uma cadeia – cfr. Safir 1985 – envolvendo movimento de traços do associado, em Forma Lógica (FL), segundo Chomsky 1995):

(11) [IP Os convidados_i [I_r chegaram_j [VP -_j [-]_i]]]

(12) [IP *expl*ⁱ [I_r chegaram_j [VP -_j [muitos convidadosⁱ]]]]

A representação simplificada em (12) corresponde à análise clássica de exemplos do Italiano como (13) (Burzio 1986). Numa língua de sujeito não-nulo como o Inglês, o expletivo é necessariamente visível (cfr. (14)).

(13) Sono arrivati molti problemi.

(14) There have arrived many problems.

Admitindo esta análise das construções inacusativas com sujeito pós-verbal, o facto de o verbo concordar com o seu argumento interno denuncia a natureza defectiva do expletivo: supondo que um expletivo como *there* (ou como o expletivo nulo do italiano nestas construções) carece de traços semânticos e de traços formais, a sua interpretabilidade em FL dependerá da elevação dos traços do associado. Assim, espera-se que a concordância verbal seja controlada pelo associado, o que normalmente acontece:

- (15) *È arrivato molti problemi.
 (16) *There has arrived many problems.

As propriedades de sujeito exibidas pelo argumento pós-verbal deste tipo de verbos podem ser confirmadas pelo seu comportamento em relação ao controlo:

- (17) [As crianças]_i chegaram sem -_i dizer uma palavra.
 (18) Chegaram [as crianças]_i sem -_i dizer uma palavra.
 (19) [Nós]_i acompanhámos [as crianças]_j sem -_{i/*j} dizer uma palavra.

As análises que têm proposto [Spec, TP] (numa estrutura de I articulada em Agr e T) como posição dos sujeitos pós-verbais em PE (cfr. Martins 1994, Duarte 1997) predizem também a existência de concordância entre um verbo inacusativo e o argumento interno em posição pós-verbal. Segundo estas análises, os sujeitos pós-verbais verificam Caso nominativo em [Spec, TP]. Os sujeitos de construções inacusativas exibem assim traços de nominativo quer se movam para [Spec, TP] (originando a ordem VS), quer se encontrem numa posição mais alta (dando origem à ordem SV). As análises diferem, no entanto, quanto à posição de verificação dos traços de concordância. Martins (1994: 425) adopta um mecanismo semelhante à cadeia expletivo-associado acima descrita, cujos efeitos têm aqui alcance apenas a nível da concordância, uma vez que o Caso é verificado de modo independente:

A operação de verificação de traços flexionais de concordância far-se-á por confronto entre os traços do expletivo e os traços-N de AgrS, permitindo o apagamento dos últimos. [...] Em LF, a verificação dos traços de concordância do NP-sujeito far-se-á por comparação com os traços do expletivo.

Para Duarte 1997, que reserva o núcleo AgrS para a codificação de propriedades discursivas, os traços de concordância são verificados, tal como o Caso nominativo, em [Spec, TP]. Admitindo esta análise nas construções inacusativas com o argumento em posição pós-verbal, dispensa-se a formação de uma cadeia expletivo-associado em FL. A concordância sujeito-verbo deveria, então, estabelecer-se de forma idêntica tanto na ordem SV como na ordem VS.

3.2 Concordância em construções predicativas

As construções predicativas do tipo de (20) revelam algum paralelismo com as construções inacusativas, particularmente no modo como o sujeito sintáctico verifica Caso e concordância.

- (20) a. Os barcos ficaram no fundo.
 b. Ficaram os barcos no fundo.

O constituinte com propriedades de sujeito sintáctico (como o controlo da concordância verbal, que aqui nos interessa) é, neste caso, sujeito de uma oração pequena complemento do verbo predicativo:

- (21) a. [[Os barcos]_i ficaram [_{OP} [-]_i [no fundo]]]
 b. [*expl*ⁱ ficaram [_{OP} [os barcos]ⁱ [no fundo]]]

A análise de Raposo e Uriagereka 1990, desenvolvida num quadro pré-minimalista, dá conta das propriedades casuais (de nominativo) que caracterizam um sujeito não elevado de orações pequenas deste tipo por um mecanismo de regência de I. Num modelo minimalista, e dada a simetria entre este caso e o dos verbos inacusativos, as propriedades de sujeito frásico manifestadas pelo sujeito da oração pequena poderão ser explicadas por uma análise semelhante àquelas que foram apresentadas acima, para os sujeitos pós-verbais em construções inacusativas (através da formação de um par expletivo-associado, cfr. (21b)). Como estes, o sujeito sintáctico pós-verbal em construções predicativas controla normalmente a concordância verbal – propriedade que pode ser naturalmente derivada, quer se adopte um mecanismo de

associação a um expletivo em [Spec, AgrSP], quer se admita a verificação directa de traços de concordância em [Spec, TP].

Estes casos são, de resto, muito próximos das construções existenciais do Inglês, exemplificadas em (22):

- (22) a. Thereⁱ is [[a book]ⁱ [on the shelf]]
b. [The book]_i is [t_i [on the shelf]]

Em (22a) a formação do par expletivo-associado implica a elevação dos traços do associado em LF (cfr. Chomsky 1995), com semelhanças óbvias com a formação da cadeia (*the book_i, t_i*) em (22b). O mecanismo de elevação não-visível de traços permite explicar, entre outras propriedades, a concordância entre a forma verbal e o associado do expletivo em posição pós-verbal.

Em síntese, prevê-se que, dadas as propriedades do PE, tanto nas construções inacusativas do tipo de (9) como nas construções predicativas do tipo de (10), o constituinte pós-verbal controle a concordância exibida pelo verbo.

4. Uma questão de expletivos e associados

Como explicar então a variação existente? Como é possível que falantes nativos de PE produzam com alguma regularidade expressões linguísticas como as que estão em (9) e (10)?

Sabe-se que a variação existente na concordância da forma verbal em construções como (10) não é exclusiva do PE (cfr. (23)). Estudos da variação da concordância neste tipo de construções em Inglês revelam que exemplos como (23a), que exibem concordância entre o verbo e o constituinte pós-verbal em conformidade com as recomendações normativas, são pouco frequentes (cfr. Meechan e Foley 1994).

- (23) a. There are lots of people in the restaurant
b. There's lots of people in the restaurant

Den Dikken 2000, admitindo que a concordância singular é uma opção real da gramática nestes casos, refere uma série de exemplos que claramente contrariam a hipótese de *there's* em (23b) ser uma “opção cristalizada” – hipótese sugerida por Chomsky (1995, 1999: 509, n. 43), com base na impossibilidade de negação e de inversão sujeito-auxiliar que atribui a estas formas:

- (24) (exemplos citados em Den Dikken 2000: 6-7)
a. “there isn't any more clean areas” (Major Donald Amin, em entrevista, NPR, in Reid 1991: 285)
b. “how many calories's there in a Tic Tac?” (in Schütze 1999: 475)
c. “there was fifty people at the party last night” (*ibid.*)

A análise de Den Dikken 2000 para esta opção real da gramática admite a possibilidade de selecção do associado do expletivo nestas construções – uma selecção entre um associado plural ou um associado singular. Admitindo que estas construções existenciais envolvem uma oração pequena como complemento de *be*, o associado singular será naturalmente a própria oração pequena.

[...] *the oscillation between plural and singular finite verb agreement* [...] *can be seen to be a reflex of the fact that there* [...] *can pick either of two constituents as its associate: either the NP [...] in the subject position of the SC [=OP] (in which case we obtain plural agreement), or the entire SC (which yields singular agreement).* (Den Dikken 2000: 7)

Assim, a variação na concordância verbal nas construções predicativas de (10) reflecte apenas uma das possibilidades que a GU admite nas relações entre expletivos e associados. A variação visível em algumas variedades de PE poderá, portanto, resultar da possibilidade de escolha entre diferentes associados para o expletivo. A concordância verbal no plural ocorre quando o associado do expletivo é plural – necessariamente um sujeito da oração pequena (cfr. (25a)). A concordância singular do verbo

será, nestas variedades, ambígua quanto à escolha do associado do expletivo: quando o sujeito da oração pequena é singular, quer este quer a oração pequena podem funcionar como associado (cfr. (25b) e (25c)); quando o sujeito da oração pequena é plural e o verbo tem uma forma singular (cfr. (25d)), então o associado do expletivo será necessariamente a oração pequena.

- (25) a. [*expl*ⁱ ficaram [OP [barcos]ⁱ [no fundo]]]
b. [*expl*ⁱ ficou [OP [um barco]ⁱ [no fundo]]]
c. [*expl*ⁱ ficou [OP [um barco] [no fundo]]ⁱ]
d. [*expl*ⁱ ficou [OP [barcos] [no fundo]]ⁱ]

A relação de concordância sujeito-verbo em expressões como (10) é assim naturalmente derivável, se as variedades do PE que produzem este tipo de expressão linguística admitirem a associação representada em (25d). Este tipo de associação entre um expletivo e uma oração pequena corresponde a uma das possibilidades da GU, manifestada por outras línguas naturais, como o Inglês. O PE padrão não admite esta possibilidade, restringindo o tipo de associado do expletivo nestas construções – uma vez que os traços de concordância elevados são necessariamente os do sujeito da oração pequena, o verbo exibirá inevitavelmente morfologia de plural quando este sujeito é plural.

Quanto aos casos de aparente falta de concordância em construções inacusativas, que não envolvem orações pequenas, a explicação deverá necessariamente ter em conta outros factos.

Assumamos, para já, que a concordância visível do verbo inacusativo com o seu argumento interno resulta de um mecanismo de elevação (não-visível) de traços do associado, necessário para que o expletivo seja legítimo em LF¹⁰. A necessidade de elevação dos traços do associado (que é, consequentemente, o controlador visível da concordância verbal) resulta da natureza defectiva do tipo de expletivo envolvido nestas construções, pelo menos em relação aos traços de concordância¹¹. A defectividade em relação a concordância é, como vimos, também característica do expletivo *there* do Inglês:

- (26) a. There comes a new problem.
b. There come many problems.
c. *There comes many problems.

No entanto, uma língua como o Francês revela a existência, em construções inacusativas, de expletivos com um comportamento diferente no que respeita a concordância verbal:

- (27) a. Il est arrivé un problème.
b. Il est arrivé des problèmes.

Efectivamente, as línguas naturais parecem dispor de dois tipos de expletivos, uns mais defectivos do que outros (cfr. Chomsky 1995, 1999: 393-394). A diferença entre *there* (um expletivo “puro”, totalmente defectivo) e *il* (um expletivo que, apesar de ser não-referencial, tem Caso e traços de concordância, segundo Chomsky 1995) permite, portanto, derivar o contraste entre (26) e (27).

É importante notar que os dois tipos de expletivos coexistem normalmente numa mesma língua (variando, no entanto, o tipo de construções em que estão envolvidos, como (26) e (27) vs. (28) e (29) evidenciam). Por exemplo, *it* (em (28)) é um expletivo com traços de concordância e Caso em Inglês (diferente, portanto, de *there* em (26)), e *ce* em (29) tem um comportamento de expletivo “puro” em Francês (diferente de *il* em (27)):

- (28) It rains.
(29) Ce sont des enfants.

Assim, também os expletivos nulos do PE poderão ser diferenciados em expletivos “puros” e em expletivos menos defectivos. Estes últimos surgem, por exemplo, nas variantes-padrão de construções existenciais com o verbo *haver*:

- (30) *expl* Há muitas novidades.

O constituinte pós-verbal apresenta nestas construções um comportamento que confirma a ausência de relação com o expletivo – além de não controlar a concordância verbal, verifica Caso acusativo:

(31) Há-as.

No entanto, estas construções existenciais admitem, em PE, variação em relação ao tipo de expletivo envolvido. Efectivamente, é comum encontrar concordância do verbo com o constituinte pós-verbal, em variantes não-padrão, mas produzidas na fala espontânea de falantes representativos de uma camada culta da sociedade – variantes que já são documentadas na escrita do século XVIII:

(32) «Emquanto houverem cores, sombras e pretextos, hão de padecer a verdade, a justiça, e a virtude.» (Matias Aires, *Vaid.* 327, *apud* Said Ali 1971: 305)

(33) «Se não houvessem boas almas, já o mundo estava acabado.» (António José da Silva, *Alec.* 38, *apud* Said Ali 1971: 305)

Os dados do CORDIAL-SIN analisados são, contudo, bastante consistentes quanto à inexistência de concordância em construções existenciais deste tipo, o que revela que o expletivo em (30), com as propriedades de *it* ou *il* (menos defectivo, portanto), é um elemento relativamente estável nas variedades representadas neste *corpus*.

A ocorrência de construções inacusativas sem concordância com o argumento pós-verbal (cfr. exemplos em (9), acima) leva-nos a admitir a presença deste tipo de expletivo menos defectivo também em construções inacusativas – o que, aliás, corresponde à opção normal numa língua como o Francês (cfr. exemplos em (27)). Assim, os traços de 3ª pessoa do singular da concordância verbal podem ser devidamente verificados pelo expletivo, não sendo necessário elevar em LF os traços do argumento interno do verbo. Consequentemente, as propriedades de sujeito deste argumento em relação a controlo desaparecem:

(34) a. * Chegou [muitas crianças]_i sem -_i dizer uma palavra.
b. Chegaram [as crianças]_i sem -_i dizer uma palavra. (= (19))

A variação existente na concordância em construções inacusativas com o argumento em posição pós-verbal deriva assim da variação nas propriedades dos expletivos envolvidos nestas construções. Enquanto o PE padrão faz uso de um expletivo totalmente defectivo (pelo menos, em relação a traços de concordância), algumas variedades admitem um expletivo menos defectivo, que se comporta, em relação a concordância, como o expletivo das construções existenciais da variedade-padrão. É interessante notar que este tipo de uniformidade quanto ao expletivo que ocorre em construções existenciais e em inacusativas se manifesta também no Português Brasileiro. Como Kato 2000 nota, as construções em (35) apresentam um comportamento uniforme relativamente à concordância verbal:

(35) (exemplos (46a) e (46b) de Kato 2000: 249-250)
a. Tem um gato embaixo da mesa.
b. Tinha chegado muitas cartas.

Os dados aqui discutidos, relacionados com a concordância sujeito-verbo em construções inacusativas e predicativas, não enfraquecem a uniformidade da relação de concordância sujeito-verbo em PE. Eles evidenciam antes uma das áreas sintácticas em que o PE, como outras línguas naturais, manifesta variação: a das construções impessoais e dos expletivos que nelas estão envolvidos.

Referências

- ALEPG – 1974-. *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza*. (inquéritos não publicados – Arquivo do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa).
- ALLP – Vitorino, Gabriela. 1987. *Atlas Linguístico do Litoral Português*. I. Lisboa: CLUL/INIC.

- Braga, Franklin Costa. 1971. *Quadrazais. Etnografia e Linguagem*. Diss. de Licenciatura. Fac. Letras Univ. Lisboa.
- Burzio, Luigi. 1981. *Intransitive Verbs and Italian Auxiliaries*. Tese de Doutoramento. MIT.
- Burzio, Luigi. 1986. *Italian Syntax: A Government-Binding Approach*. Dordrecht: Kluwer.
- Carrilho, Ernestina (em preparação) [Expletivos e Construções Impessoais em Português Europeu dialectal] Diss. de Doutoramento. Fac. Letras Univ. Lisboa.
- Carrilho, Ernestina. 2000. Expletivos do Português Europeu em Foco: a Evidência dos Dados Dialectais. Comunicação ao *XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra, Setembro 2000.
- Carrilho, Ernestina e Maria Lobo. 1999. Variação sintáctica: alguns aspectos. em *Conversas d'Hora d'Almoço*. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Junho 1999.
- Casteleiro, J. Malaca. 1975. Aspectos da sintaxe do português falado no interior do país. *Boletim de Filologia* XXIV. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.
- Chomsky, Noam. 1981. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- Chomsky, Noam. 1995. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass: MIT Press. Trad. port. E. P. Raposo. *O Programa Minimalista*. Lisboa: Caminho. 1999.
- Chomsky, Noam. 2001. Derivation by Phase. in Michael Kenstowicz (ed.) *Ken Hale. A Life in Language*. Cambridge: The MIT Press.
- Colaço, Madalena. 1999. Concordância parcial em estruturas coordenadas em Português europeu. *Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Aveiro, Setembro 1998.
- Costa, João, Denilda Moura e Sandra Pereira. 2000. Concordância com *a gente*: um problema para a teoria da verificação de traços. Comunicação ao *Colóquio Português Europeu e Português Brasileiro: Unidade e Diversidade (PEPB-2000)*, realizado no âmbito do *XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra, Setembro 2000.
- Costa, João. 2001. Postverbal subjects and agreement in accusative contexts in European Portuguese. *The Linguistic Review*. 18: 1-17.
- Dikken, Marcel den. 2000. 'Plurilinguals', pronouns and quirky agreement. Ms. distr. no Curso de Verão "Referential Dependencies", Univ. del Pais Vasco, San Sebastian, Julho 2000.
- Duarte, Inês. 1997. Ordem de Palavras: Sintaxe e Estrutura Discursiva. In Brito, Ana M., F. Oliveira, F. Lima e R. Martelo (orgs.). *Sentido que a Vida Faz. Estudos para Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras.
- Eliseu, André. 1984. *Verbos Ergativos do Português: Descrição e Análise*. Provas de Aptidão Científica e Pedagógica. Fac. Letras Univ. Lisboa.
- Groat, Erich. 1999. Raising the Case of Expletives. In Epstein, Samuel D. e Norbert Hornstein (eds.). *Working Minimalism*. Cambridge, Mass.: MIT.
- Kato, Mary. 2000. The Partial pro-drop nature and the restricted vs. order in Brazilian Portuguese. in Mary Kato e E. Negrão (eds.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuet.
- Lasnik, Howard. 1992. Case and expletives: Notes toward a parametric account. *Linguistic Inquiry* 23: 381-405.
- Lasnik, Howard. 1995. Case and Expletives revisited: On Greed and Other Human Failings. *Linguistic Inquiry*. 26: 615-634.
- Lobo, Maria. 2000. On gerund clauses of Portuguese dialects. Comunicação a *I Congreso Internacional de Lingüística 'Léxico y Gramática'*, Lugo, Setembro 2000.
- Marques, M. Casimira Almeida. 1968. *O Falar da Azóia*. Diss. de Licenciatura. Fac. Letras Univ. Lisboa.
- Martins, Ana Maria. 1994. *Clíticos na História do Português*. Diss. de Doutoramento. Fac. Letras Univ. Lisboa.
- Martins, Ana Maria. 2000. *A gente está-se aqui*: mudança e variação sintáctica no Português europeu. *XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra, Setembro 2000.
- Mateus, Maria Helena Mira. 1986. A Língua Portuguesa – unidade e diversidade. *Actas do 1º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, 1985. Lisboa: APL.
- Meechan, Marjory e Michele Foley. 1994. On resolving disagreement: linguistic theory and variation – *there's bridges*. *Language Variation and Change*. 6/1; 63-85.
- Nascimento, Maria Fernanda Bacelar do, M. L. Garcia Marques e M. L. Segura da Cruz. 1987. *Português Fundamental*. Lisboa: INIC/CLUL.
- Peres, João Andrade e Telmo Móia. 1995. *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Perlmutter, D. M. 1978. Impersonal Passives and the Unaccusative Hypothesis. *Proceedings of the Fourth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*. 157-189.
- Raposo, Eduardo Paiva e Juan Uriagereka. 1990. Long-Distance Case assignment. *Linguistic Inquiry*. 21: 505-537.
- Reid, Wallis. 1991. *Verb & noun number in english: A functional explanation*. London/New York: Longman.
- Safir, Kenneth. 1985. *Syntactic chains*. Cambridge University Press, Cambridge.
- Said Ali, Manuel. 1971. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Edições Melhoramentos (7ª edição melhorada e aumentada de *Lexicologia e Formação de Palavras* (1921) e *Syntaxe do Portuguez Historico* (1923))
- Schütze, Carson. 1999. English expletive constructions are not infected. *Linguistic Inquiry*. 30. 467-84.
- Segura da Cruz, Luisa. 1969. *O Falar de Odeleite*. Diss. de Licenciatura. Fac. Letras da Univ. Lisboa.

Segura da Cruz, Luisa. 1987. *A Fronteira Dialectal do Barlavento do Algarve*. Dissertação para acesso à categoria de Investigador Auxiliar, CLUL/INIC.

Vasconcellos, José Leite de. 1901. *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. Lisboa: CLUL/INIC, 3ª edição, 1987.

¹ O termo “dialectal” é aqui usado num sentido lato, por oposição a “standard”, não se restringindo à caracterização de variedades linguísticas definidas exclusivamente em função de factores geográficos.

² Veja-se, por exemplo, o reduzido espaço que as particularidades sintácticas ocupam em Vasconcellos 1901, 1987: 121-122.

³ Procurámos, em Carrilho e Lobo 1999, reunir um conjunto de dados relevantes para a teoria sintáctica extraídos de um conjunto de dissertações de licenciatura apresentadas, salvo raras excepções, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

⁴ Projectos PRAXIS XXI P/PLP/113046/1998 e POCTI/1999/PLP/33275, financiados pela FCT, em desenvolvimento no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

⁵ Trata-se de inquéritos dialectais realizados no âmbito da elaboração de Atlas Linguísticos (ALEPG, ALLP) e de outros trabalhos de investigação dialectal (Segura da Cruz 1987) pelo Grupo de Dialectologia do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

⁶ Dados relativos ao estado do *corpus* em Janeiro de 2001, com uma extensão de cerca de 80000 palavras.

⁷ Sobre a ausência de concordância em construções inacusativas, veja-se também Costa 2001.

⁸ Sobre outras construções com propriedades semelhantes que também permitem ausência de concordância com um argumento pós-verbal, cfr. Carrilho (em preparação).

⁹ As siglas que seguem cada exemplo correspondem aos códigos de identificação da origem dos dados. Sobre estes códigos e sobre as convenções de transcrição do CORDIAL-SIN, cfr. <http://www.clul.ul.pt/frames.html>, projecto CORDIAL-SIN (Variação).

¹⁰ A hipótese de a concordância se estabelecer da mesma forma nas ordens VS e SV, como previsto pela análise de Duarte 1997, não seria compatível com os dados empíricos aqui discutidos.

¹¹ Ignoro, neste trabalho, a discussão das propriedades casuais dos expletivos, que têm sido objecto de considerável debate (cf. Lasnik 1992, 1995, Groat 1999).